
**DESORDENS PUBLICADAS: VIOLÊNCIA E
CRIME EM MOSSORÓ/RN NAS PÁGINAS
DOS JORNAIS LOCAIS NO INÍCIO DO
SÉCULO XX**

Antônio Robson de Oliveira Alves Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Centro Educacional de Aprendizagem Moderna - CEAMO
<http://orcid.org/0000-0002-9568-4112> E-mail: robson.ic@hotmail.com

DESORDENS PUBLICADAS: VIOLÊNCIA E CRIME EM MOSSORÓ/RN NAS PÁGINAS DOS JORNAIS LOCAIS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

PUBLISHED DISORDERS: VIOLENCE AND CRIME IN MOSSORÓ/RN IN THE PAGES OF LOCAL NEWSPAPERS AT THE BEGINNING OF THE 20TH CENTURY

Antônio Robson de Oliveira Alves

RESUMO

Na transição do século XIX para o XX, Mossoró/RN se desenvolvia e tornava-se conhecida em suas cercanias. Nesse contexto, o crescimento de ações delituosas começou a despontar nos impressos locais como fator preocupante e hiato para o progresso tão almejado e requerido pela elite local. Assim, esse artigo visa percorrer pelas narrativas da imprensa mossoroense no início do século XX, problematizando os discursos perpetrados por ela, e que tinham como intento principal construir uma visão de cidade desenvolvida, imaculada, reduto de prosperidade e exemplo a ser seguido, contribuindo para a formação de uma visão de cidade ordeira, exemplo de civilidade e quietude.

PALAVRAS-CHAVE: Mossoró/RN, Narrativas de Crime, impressos

ABSTRACT

At the transition from the 19th to the 20th centuries, Mossoró/RN developed and became known in its vicinity. In this context, the growth of criminal actions begins to emerge in the local press as a worrying factor and gap for the progress so desired and required by the local elite. Thus, this article aims to cover the narratives of the Mossoroan press at the beginning of the 20th century, problematizing the discourses perpetrated by it that had the intention to construct a vision of developed city, immaculate, stronghold of prosperity and example to be followed, forming through his speeches a vision of an orderly city, an example of civility and stillness.

Keywords: Mossoró/RN, Crime Narratives, Newspapers

INTRODUÇÃO

O período que compreende o final do século XIX e início do XX é arraigado por movimentações no corpo social, transformações na economia e implantação do regime republicano no Brasil. Nesse processo de mudança, um dos veículos que se instala como difusor dos ideários prevaletentes no período é o jornal. Diante disso, o crescimento das cidades iria propiciar uma miscelânea de notícias que fomentariam o caráter confluyente de uma sociedade em ebulição. Problemas sociais tornaram-se recorrentes nesse momento, ao lado da ineficiência do governo central em lidar com o alarmante número de conflitos internos que se proliferavam na região Norte, e as disputas políticas recorrentes no Sul e Sudeste do país.

Na efervescência das cidades, o sentimento que afluía era o de progresso, os bondes, como afirma Ilmar Rohloff de Mattos (1989), conclamava novos ares e instituía vividos horizontes. Segundo Gilberto Freyre, em *Ordem e Progresso* (1959), as ideias, atitudes, hábitos e valores durante os últimos decênios do século XIX evidenciavam um desejo latente de mudança na estrutura do país; como difusor principal desses sentimentos envolventes, encontra-se à imprensa, que, como diria Machado de Assis (1962), é a catedral da época moderna. Nesse período, a imprensa foi se firmando como agente motriz na propagação de notícias que iriam contribuir na massificação de estereótipos sobre determinadas classes sociais, bem como auxiliar na propagação de enunciados sobre ordem e moral que adentrariam ao imagético cidadão. Destarte, o jornal se coloca como guardião das tradições, disseminador da lei e da discríção.

É no cortejo do século XIX, com o desenvolvimento das cidades, que se inicia um processo de industrialização tímido, mas operante, que os diversos segmentos sociais se moviam e se chocavam em questões que circundavam o país. Nesse cenário conflitante, a abolição da escravidão, ocorrida em 1888, trouxe novos embates para a agenda dos grandes centros no Sul do país. A inserção do contingente de homens e mulheres que vinham da escravidão tornou-se um hiato no início do regime republicano. Hebe Mattos e Ana Lugão Rios (2005) refletem sobre a grave situação em que os ex-escravos se encontravam perante o

cerceamento de direitos elementares que não lhes foi concedido, como fica evidente nesse trecho:

Trata-se, fundamentalmente, de reconhecer que o processo de destruição da escravidão moderna esteve visceralmente imbricado com o processo de definição e extensão dos direitos de cidadania nos novos países que surgiam das antigas colônias escravistas. E que, por sua vez, a definição e o alcance desses direitos esteve diretamente relacionado com uma contínua produção de identidades, hierarquias e categorias raciais [...] a grande preocupação das elites contemporâneas aos processos de emancipação era definir quem poderia ser cidadão (MATTOS; RIOS, 2005, p. 191)

Em um processo de exclusão que os colocava a margem da sociedade, os negros são corriqueiramente atrelados ao risco e ao arcaico, sendo representados como perigosos e animais sem alma. Muitos cronistas policiais atribuíam aos negros¹, recém libertos, a razão do crescimento da desordem e caos nos grandes centros, como é o caso de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo (FAUSTO, 2001). O estereótipo do negro com uma natureza cruel é bastante comum nesse período. Muitos jornalistas viam os negros e mestiços como desalmados e desordeiros, designações comuns no período da escravidão. “Para os ex-senhores e atuais patrões dos negros a criminalidade dos libertos seria explicada pelos ‘vícios’ adquiridos com a escravidão” (OTTONI; SANT’ANNA, 2015, p. 313). Segundo esse pensamento da época, os negros traziam consigo a herança do escravismo, a qual os faria cometer várias ações criminosas que enchiam os noticiários, revelando o tipo de indivíduo que deveria ser combatido.

No caso do Norte do país, o início do século XX traria novos sujeitos para os noticiários, temos como exemplo os flagelados das secas, recorrentes nessa região, bem como o banditismo no sertão, sendo o cangaço seu maior difusor. É nesse cenário que os pequenos jornais proliferaram notícias sobre esses indivíduos criando diversas caricaturas imagéticas sobre eles, expandindo o medo e o temor nos centros urbanos em desenvolvimento e nas pequenas cidades que faziam fronteira com estes. Baseando-se nisso, voltaremos nosso olhar para a cidade de Mossoró/RN tomando como fonte principal as narrativas dos jornais locais, visando entender a dinâmica citadina e a relação desta com o aumento da criminalidade.

¹ Ressaltamos, como expõe a historiadora Martha Abreu (2000), que as categorias de cor e raça são criações historicamente datadas. A autora nos faz lembrar que a denominação “negro/os”, é geralmente utilizada para designar os segmentos não-brancos. Diante disso, nesse texto, utilizamos a palavra no mesmo sentido.

DISCUTINDO CONCEITOS: VIOLÊNCIA E CRIME NO BRASIL

Eric Hobsbawm (1998), fazendo um panorama do que seria as regras da violência, aponta que ela – a violência – impõe-se às pessoas, que está presente em nosso cotidiano e é vista de forma onisciente nos meios de comunicação e nos espetáculos. O autor ainda destaca que a violência é um fenômeno social e que existe sob uma variedade de formas (HOBSBAWM, 1998, p. 318). Pensando nisso, olhamos para o processo de mudanças que ocorreram no curso da história e percebemos as variadas transformações que advieram sobre a violência e sua relação com os sujeitos.

A Europa Ocidental é um exemplo de sociedade que passou por mudanças no tocante a violência. Segundo, Muchembled (2012), houve uma redução nas mortes violentas nessa parte do mundo e isso deveu-se a lenta evolução de ordem cultural que aquela sociedade vivenciou durante séculos. Com base nesse autor, houve uma

Diminuição dos conflitos opondo jovens do sexo masculino, os da elite, que se matavam, frequentemente, em duelo, assim como os do povo, que multiplicavam as confrontações viris e os combates com arma branca nos lugares coletivos. As explicações devem ser buscadas na mutação radical da noção masculina de honra e no apaziguamento das relações humanas, primeiramente no lugar público, depois, mais lentamente, na vida familiar, durante um processo de “civilização dos costumes”, de que Norbert Elias se fez o teórico. (MUCHEMBLED, 2012, p. 9)

Como o autor aponta, não foi um processo lento, ao contrário, levou séculos para que ocorresse um remodelamento nos comportamentos individuais, levando os indivíduos a modificarem suas relações e, com isso, a diminuição das mortes violentas passou a ser uma realidade. Nesse viés, podemos tomar Norbert Elias (1994) como referência para se pensar às mudanças comportamentais ocorridas na Europa no processo de longa duração onde teve os costumes como *locus* principal para tal ocorrência. Elias é conhecido comumente pelo seu modelo de abordagem que pensa às mudanças de costume na Europa por meio do *processo civilizador*. Esse modelo revela que durante vários séculos houve modificações na estrutura da sociedade, mudanças psicológicas que se materializaram em novos modos de comportamento.

Essa metamorfose, sofrida pela Europa, trouxe consigo uma diminuição dos impulsos para uma racionalização do modo de se viver em sociedade.

No caso do Brasil, segundo Deivy Carneiro (2017), aplicar a teoria Elisiana para se estudar a violência e entender seu funcionamento é extremamente complicado devido a fatores que vão desde à má conservação de documentos, como é o caso dos processos criminais², assim como do vasto território que impede abordagens macro-históricas. Todavia, o autor salienta para a necessidade de estudos que fomentem uma preocupação maior em se entender a violência por parte de pesquisadores, segundo ele,

Os historiadores brasileiros deveriam ser capazes de conectar as mudanças de longa duração e as sensibilidades e emoções acerca da violência com o processo de formação do Estado e, em particular, com a gradual imposição do monopólio da violência pelo Estado. (CARNEIRO, 2017, p. 125)

Nesse contexto, devemos tomar algumas fontes que possibilitem entender a relação entre o crime/violência e a sociedade. Segundo Pesavento (2005), há um manancial fértil de fontes a serem desbravadas pelos historiadores do crime. Para ela, três caminhos podem ser seguidos no que concerne as fontes: o *jornal*, que estetiza o fato, reorganiza a narrativa, encadeia o enredo, exprime um juízo de valor; a *documentação policial*, que indica o ambiente da ocorrência do fato, se o mesmo foi registrado na delegacia por denúncia ou flagrante, dá conta das queixas e expõe os diferentes depoimentos das vítimas, agressores ou testemunhas; e, por último, o *processo judicial*, que ao lado da documentação policial faz parte de uma teia de informações que são produzidas pela justiça criminal, no processo judicial temos como principal contribuição a possibilidade de cruzar este caminho com os outros já abertos. Nesse caso, os depoimentos são mais longos, há múltiplas versões para um mesmo fato e é possível acompanhar, também, mais de perto a intervenção direta da justiça, com suas razões e fundamentações teóricas.

Baseados no leque descrito por Pesavento (2005), temos um leque conciso a ser pesquisado. Todavia, como podemos denominar o crime? Segundo o historiador francês Dominique Kalifa (2012), o crime é um acontecimento histórico popular. Suas implicações

² Em um artigo singular, Marcos Bretas e André Rosemberg (2013) apontam para o descaso com os arquivos policiais que diante da má conservação impossibilita à pesquisa e conseqüentemente seu conhecimento as gerações posteriores.

estão além do momento em que este ocorreu, ao contrário, muitos crimes e criminosos ficaram registrados nos anais da história³. Sendo assim, nosso olhar deve repousar atentamente sobre as fontes que se alastram sobre os crimes, visando desnudar não apenas o ocorrido, mas entender os personagens da história, quando possível, e perceber as entradas que tais acontecimentos têm na sociedade e a influência que esses exercem sobre essa.

O final do século XIX testemunhou a gênese da Criminologia, a qual voltava-se a estudar o criminoso. Essa “ciência”, rapidamente entrou no espaço acadêmico e se tornou conhecida e utilizada pelos vários pesquisadores e pensadores daquele período. O desejo era mensurar as ações e características que diferenciavam o *homem criminoso*. Cesare Lombroso foi o grande expoente dessa ideia e, ao longo de sua vida, debruçou-se sobre estudos que tinham como intuito provar a existência de um “delinquente nato”, todavia, suas teorias que se embasavam nos traços físicos dos sujeitos criminosos deram lugar a outra perspectiva: o delinquente possuía um “micróbio” do crime e esse só seria ativado em condições específicas e ambientais (FONTELES NETO, 2016, p. 546). Esse contexto é basilar para se entender o olhar que se tinha sobre os sujeitos que praticavam crimes no final do século XIX, assim, o século XX testemunhou mudanças no tocante ao se entender e pensar o crime.

Um dos distanciamos da teoria lombrosiana, foi o modo de se pensar o criminoso da escola sociológica de Chicago, a qual abordou o crime dando ênfase no criminoso, no urbano e, conseqüentemente, nas crescentes taxas de criminalidade e delinquência. Essa vertente repousou sua atenção sob dados estatísticos e qualitativos, abrindo a possibilidade para se pensar o crime como produto social do urbanismo e das modificações que são concernentes a esse espaço.

No caso do Brasil, a criminologia foi recebida com pompa e alegria entre os intelectuais do fim do século XIX. As ideias de Lombroso começaram a ser discutidas e seus ideais abraçados por muitos médicos e juristas do período. A Faculdade de Direito do Recife se estabeleceu como principal proponente dessa teoria. Dessa feita, a geração que se formou tinha como escopo as teorias criminais lombrosianas. Todavia, na Europa, essas teorias já tinham caído em desuso devido ao fracasso em tentar explicar o criminoso por características

³ Como exemplo de crimes que abalaram seu tempo e resistiram ao esquecimento, temos o caso do desembargador assassino Pontes Visgueiro, no Maranhão, e os assassinados convertidos em linguça na rua do Arvoredo, em Porto Alegre (ELMIR, 2004, 2010; FREITAS, 1996; PESAVENTO, 2008; MORAES, 1934).

internas e físicas, no caso do Brasil estas serviram para identificação criminal e para manter muitos segmentos da sociedade sob direta vigilância e olhar moderador do Estado.

O século XX iria expandir o uso da força policial sob muitos segmentos marginalizados e estereotipados, os quais reforçam uma visão ainda muito particular dos poderes vigentes de teorias que veiculam imagens sobre sujeitos baseados na cor da pele e do local onde habitam (BRETAS, 1998, 1997). É nesse período que no Nordeste iria se fomentar discursos contra os flagelados, sujeitos que fogem a higienização do período nos grandes centros, e do banditismo que floresce dentro do mandonismo do coronelismo nesta região⁴. O caso que iremos enfatizar é a cidade de Mossoró/RN, situada no Estado do Rio Grande do Norte e que, dentre muitas outras, viu sua história ser redigida por periódicos que noticiavam cotidianamente o caos perpetrado por indivíduos que fugiam as normas vigentes e a ordem, prerrogativas recorrentes nas páginas dos jornais.

CRIMES NARRADOS EM MOSSORÓ/RN NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Os primeiros anos do século XX são estabelecidos como cruciais para se entender a expansão da imprensa no Brasil, fato que já era percebido na Europa desde metade do século XIX. No caso brasileiro, temos fatores que propiciariam tal propagação: o crescimento das cidades, o processo de mudança no regime político, expansão das indústrias e consequente alterações nas relações sociais, bem como aumento da criminalidade. Os jornais iriam acompanhar todas essas mutações e proferir discursos em torno dessas. A criminalidade recorrentemente aparecia nas páginas dos impressos com relação a fatores variados, como é o caso da manchete a seguir do jornal carioca *Correio da manhã*:

Um corpo negro guardando alma ainda mais negra: duas crianças e um homem vítimas de terrível degenerado.

[...] O negro Frederico Moraes, de 26 anos, [...] sem profissão e conhecido desordeiro [...] sacando de uma navalha, atirou a lâmina de encontro ao ventre de Manoel ferindo-o [...]. O corpo do morto não escapou, sendo sacrilegamente atirado ao chão. [...] Fugiu o miserável (Frederico Moraes), correndo, desatinadamente, e entrou no prédio n. 26, residência do trabalhador da Alfândega Joaquim Juvêncio. [...]

⁴ Quando nos utilizamos do termo “Nordeste”, o fazemos entendendo que esse é cunhado no início do século XX, mais necessariamente após a década de 1910 (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009).

Ali chegando, entrou em um quarto, onde se achavam adormecidos o pequeno Antenor, de 6 meses, e a menina Maria Augusta de 5 anos, filhos do infeliz Joaquim Juvêncio.

Não teve coração o perverso e covarde negro. Alçou a navalha, feriu Antenor na região occipital, e depois, como terrível fera, lançou-se sobre Maria. [...] Após o delito, o famigerado negro procurava fugir, a todos ameaçando. (CORREIO DA MANHÃ, 1911, p.1)

Visualizamos um trecho que expressa todo o estigma de um período que pretendia levar o leitor ao mais próximo possível do ocorrido, tornando-o parte da história e o fazendo refletir sobre os sofrimentos das vítimas e construir um arcabouço crítico sobre o infrator. As narrativas dos crimes que se deram no início da República revelam todo um estereótipo criado sobre a figura do negro, revelando características que o identificava como desordeiro e vadio. O negro Frederico Moraes, como a notícia revela, é um sem profissão, desordeiro conhecido, a narrativa apresenta Frederico como uma fera, que não tem coração, covarde e perverso. Tais enunciados dão voz aos sentimentos que iriam se formular diante daquela ocorrência e o jornal se torna um veículo singular no que concerne expandir esse julgamento.

Esse período marca a transformação da imprensa em uma empresa capitalista e as notícias de crimes adentraram o cenário citadino sob vários títulos, os quais traziam em sua égide as mais sangrentas e sádicas notas que explicitavam o grave caos em que as cidades vivenciavam. Nesse cenário, é possível verificar a importância que os impressos vão ganhando conforme conseguem noticiar ocorrências do cotidiano, inserindo em suas narrativas variados estilos linguísticos que chamavam a atenção do público leitor.

Quando voltamos nossa atenção para a região Nordeste, notamos uma similitude com as descrições dos demais jornais. Fonteles Neto (2017), nos aproxima dessa realidade ao descrever o cenário de Fortaleza, capital do Ceará, nos anos iniciais do século XX, evidenciando o surgimento de uma nova tendência nos jornais: as *crônicas policiais*. Segundo ele,

Na capital cearense, esse novo gênero se consolidou como componente diário do jornal no início do século XX, visto que, até então, os jornais enfatizavam nos noticiários o debate político, as disputas entre os partidos, muitas vezes acompanhadas de crimes de vingança e pistolagem. O tema do crime já era abordado, mas sem a diversidade que a própria dinâmica urbana veio a fomentar. A delinquência e os delitos que se espraiaram no espaço citadino, estampados em letra de forma, revelavam a preocupação com a manutenção da ordem. (FONTELES NETO, 2017, p. 16)

Nesse contexto, podemos verificar a preocupação em abordar o tema do crime presente na capital do Ceará. Os crimes de pistolagem, relacionados ao campo político asseverou-se como um dos polos de notícias recorrentes nesse período, onde tais embates circundou o imagético dos grandes centros da região Nordeste com bastante assiduidade. Um dos assassinatos mais noticiados e que tomou expressão nacional foi a do governador da Paraíba, João Pessoa. Durante anos houve uma rixa entre este e alguns adversários políticos da época, fato que culminou em sua morte e que instaurou um clima de grande comoção e revolta naquele Estado, bem como impulsionou mudanças no cenário político nacional (SILVA, 2015). Nesse cenário, duas temáticas que também ganhariam expressão nas notícias relacionadas a crimes foi o flagelado, figura presente nos impressos desde o final do século XIX, e os bandos que se formavam no sertão e espreitavam os centros urbanos, causando medo na população.

O Ceará foi um dos estados mais afetados com o problema da seca. A multidão de flagelados que adentrava à capital, Fortaleza, evidencia o caos em que esses sujeitos estavam vivendo. Frederico de Castro Neves (2005) nos informa que houve três ondas de secas no final do século XIX (1877, 1889, 1900), seguida pela de 1915 (RIOS, 2014a, 2014b). Segundo Neves, a “invasão” de retirantes nos anos de 1877-1880 foi alarmante, como cita na seguinte passagem:

A “invasão” de retirantes em 1877-80 – que, segundo alguns observadores, chegou a mais de 114.000 quando a população da cidade mal atingia 25.000 pessoas – provocou uma das desordens urbanas e sociais mais graves em Fortaleza já experimentou. A presença destes pobres, famintos e doentes, no mais grave estágio em que ainda é possível sobreviver, exigiu uma imediata e radical mudança nos costumes e comportamentos, nos hábitos pessoais e cotidianos e, especialmente, no uso social de equipamentos urbanos, afetando profundamente a vida dos habitantes da capital. (NEVES, 2005, p. 144)

Esse cenário revela os problemas que a população de Fortaleza estava encarando com a presença dos flagelados. Um dos medos recorrentes no tocante à massa que abarrotava às ruas era a do aumento da criminalidade que se alardearia pelo estado em que estes sujeitos se encontravam: famintos e desatinados. Com isso, os jornais focaram no caos perpetrado pelo problema dos flagelados e colocaram esses sujeitos como principal causa da desordem e falta de higienização de Fortaleza, fato que é percebido também em Mossoró/RN.

Mossoró, durante o final do século XIX e início do XX, configurou-se como um empório comercial. Essa cidade, localizada entre Natal e a capital do Ceará, Fortaleza, viu seus anais serem redigidos inicialmente apenas como uma cidade de intercurso, sem grande expressão, todavia, conforme a produção de sal crescia, bem como com a chegada de empreendedores e a construção da estrada de ferro, passou por uma dinamização em sua economia, fator que possibilitou o crescimento em sua importância em escala regional e estadual (ROCHA, 2005, p. 46). Nesse panorama, a cidade começa a enfrentar problemas com o contingente de flagelados que, fugindo da fome, rumavam para os centros urbanos em busca de subsistência⁵.

As descrições que iriam ser fomentadas em relação aos flagelados e a cidade de Mossoró vão além do solo citadino, na cidade vizinha, Assú, o jornal local, Brado Conservador, faz um prenúncio do caos que se avizinhava no ano de 1877, com o levante de pobres maltrapilhos que rumaram para Mossoró em busca de encontrar guarida e alento, em matérias que tinham por título “De Mossoró nos dizem”, o jornal noticiava delitos que eram cometidos em decorrência da fome, como fica claro nessa descrição:

[...] Na noite de hontem para hoje os habitantes de S. Antonio accometteram uma barcaça que chega a aquelle porto com gêneros do Governo da Parahyba, e a poderam-se a fortiori de quarenta e quatro saccas com farinha, dez das quaes foram tomadas hoje pela madrugada pelo Theodomiro com quatro retirantes que agora pela manha acabaram de chegar a esta cidade, trasendo presos e escoltados trez dos salteadores (BRADO CONSERVADOR, 1877, p. 2).

Essa notícia remete ao ajuntamento que ocorria de sujeitos que tinham o intuito de sacarem os alimentos que vinham de outras províncias em socorro à seca. Com essa premissa, podemos dizer que uma das primeiras formas de manifestação de massa dos sertanejos no espaço citadino foram os “saques”⁶, os quais se alastraram por todo o período de estiagens,

⁵ Segundo, Felipe Guerra e Theóphilo Guerra (1909), em Mossoró existam, no fim do dezembro de 1877, cerca de 25.000 pessoas, cuja a principal ocupação era ter fome e morrerem de miséria ou de peste.

⁶ Edward Palmer Thompson (2005) e George Rúde (1991), em seus estudos sobre o campesinato na Inglaterra e França nos séculos XVIII e XIX, buscaram explicar como as ações da multidão camponesa se organizavam durante os motins de fome, os quais entendem que tais ações são práticas coletivas que possuem um caráter político de união, irmandade e mutualidade, onde esses sujeitos se organizam seguindo protocolos e normas de organização que concede as ações perpetradas por estes como objetivas, visando um bem comum no seio dos grupos.

fomentando uma urgência por parte do governo central em lidar com os constantes levantes de flagelados nos centros urbanos, como é o caso de Mossoró.

As matérias do Brado Conservador trazem uma dimensão do cenário caótico em que Mossoró se encontrava. Além dos saques, outra ocorrência que pululava as páginas desse impresso era a questão moral que em períodos de seca eram burlados pela presença de andrajos que constroem a moralidade da época, “rapariguinhas de 12 e 15 anos vagueiam pelas ruas da cidade esmolando o pão envolvidas em farrapos que mal amparam uma ou outra parte do corpo! A miséria imporá! (BRADO CONSERVADOR, 1879, p. 02). Assim, com tom de acusação, o periódico tinha o intuito de tornar público a situação conturbada que a cidade estava enfrentando. Dessa feita, as contribuições do jornal Brado Conservador nos indicam as peripécias de uma cidade que enfrentava as conturbações da seca e dos resultados catastróficos dessa.

No final do século XIX, com o advento da República, a imprensa de Mossoró continuou focando nos flagelados, fomentando um discurso crítico ao governo republicano, como fica evidente na notícia a seguir:

Na noite 11 do corrente, roubaram o armazém de viveres do Sr. Miranda. Começamos a experimentar as consequências do indiferentismo do governo da República, que não garante a vida ao povo, a quem deixa morrer a fome, e assim, autoisa o roubo, e quanta espécie de crime se possa imaginar. Agora o roubo, a noite e as ocultas, mais tarde, o ataque de dia, e a mão armada!

Maldição! (O MOSSOROENSE, 1904, p. 3)

É, justamente, esse o receio da imprensa: que os flagelados comecem a roubar, e cometer mais delitos baseados na sua fome e miséria. O jornal não mede palavras ao colocar a culpa sob os auspícios do governo da República, que, segundo essa, deveria tomar conta desses indivíduos e por consequência ajudar a cidade a enfrentar a seca e a fome.

Os jornais locais, *O Mossoroense* e o *Comércio de Mossoró*, eram periódicos que traziam para a população os anseios e problemas citadinos. O *Comércio de Mossoró*, teve duração de apenas cinco anos, de 1902 até 1907, tinha como intuito publicar notícias voltadas ao interesse dos comerciantes locais, os quais, em sua maioria, faziam parte da elite letrada da cidade. Já *O Mossoroense*, o primeiro de Mossoró, teve seu início no ano de 1872,

funcionando até 1875 e retornando apenas em 1902. Estes jornais eram destinados a elite letrada da cidade, os quais possuíam grande influência e eram detentores do comércio local.

Ambos os jornais noticiavam, constantemente, sobre os flagelados e a fome que se arregimentava na cidade, segundo estes as pessoas “caiam mortas”, evidenciando um cenário penoso e funesto.

Pela primeira vez, nesta terra, mesmo na crise actual, o povo infringiu os seus hábitos de reconhecida fieldade e praticou uma acção reprovada e criminosa, arrombando uma porta do armazém de cereais em que sociam os Snrs. Vicente Motta & C. e Francisco Antonio M. de Miranda e dali roubando na noite de 11 para 12 do corrente 56 volumes de farinha, milho, arroz e café, únicos que restavam das vendas daquele dia.

Cumpra as autoridades empregar a sua actividade e vigilância afim de que não nos falhe, em uma Cidade policiada as necessárias garantidas e segurança ao direito de propriedade. (O COMÉRCIO DE MOSSORÓ, 1904, p. 3)

O que podemos notar é uma descrição que foca nos saques feitos ao comércio local. Ao conclamar a atenção policial, o jornal se coloca como propagador das vozes destes sujeitos, bem como se colocar ao lado da população diante daquele momento de incertezas e instabilidade. As notícias sobre as secas vão perdurar durante vários anos, tornando a aparecer sobre os seguintes títulos: *Seccas, contra secas; Obras contra as secas; Fome e miséria; A fome continua* etc. Tais enunciados iriam permanecer aparecendo até os anos de 1925.

Adjacente a esse momento em que temos variadas notícias e matérias sobre as secas e suas consequências na cidade, há também um período carregado pelo desejo de se tornar moderno, por parte da elite política local, bem como da imprensa que passou a focar, em diversos momentos, nas mudanças estruturais que a cidade vivenciava, mesmo diante de momentos aterradores com o recorrente problema das secas. O início do século XX é singular no que se refere a obras de melhorias em estabelecimentos públicos, como também na chegada de elementos que caracterizavam o progresso rumo ao moderno, como fica evidente nas palavras de Oliveira:

Obras como a reforma do mercado público, em 1903, tornando-o mais limpo e ventilado; a criação de um grupo escolar no ano de 1908, e em 1922 a chegada da Escola Normal; o primeiro automóvel a rodar em Mossoró em 1912; o término da construção da tão sonhada estrada de ferro, em 1915; e a implantação da energia elétrica em 1916, tudo isso foi incorporado como sintomas do moderno, e possuir

tais melhorias significava que junto com esses elementos poderia se chegar à modernidade. (OLIVEIRA, 2014, p. 49-50)

Com base nos elementos prenunciadores do moderno, Mossoró caminhava rumo ao progresso, que era o desejo das elites locais. Um hiato para essa sonhada realidade já vinha sendo combatido desde o final do século XIX com ações que visavam deslocar os flagelados para espaços remotos e periféricos da cidade⁷, assim como o combate ao crime que seria um entrave para as vicissitudes da modernidade que se queria viver.

Nesse pensamento de progresso, um agente que contribuiu para controlar o perigo das noites escuras e vazias era a energia elétrica. Instalada em 1916, continha em sua representação o símbolo do novo, em detrimento as antigas iluminações que advinham de lâmpões repletos de querosene, a energia elétrica, ao contrário do querosene, não tinha cheiro, não emitia fumaças, simbolizando algo limpo, higiênico e hodierno.

Todavia, nas palavras de Fernandes (2014), nem todos os cidadãos poderiam usufruir dessa benesse do progresso, apenas os que pudessem arcar com as despesas necessárias de sua instalação. Para isso, o jornal *O Mossoroense* propagou inúmeras matérias no intuito de fomentar a importância da energia elétrica e como essa seria o prenúncio do moderno que a cidade tanto precisava⁸. Assim, a luz elétrica entraria para o rol do progresso e desejo dos municípios que, ao possuir esse apanágio, estariam indo contra o crime, como descreve o autor:

Além de proporcionar conforto ao lar, a presença da luz artificial prolongava o dia de modo a possibilitar que as pessoas fizessem mais uso da noite para trabalhar, para divertir-se no Club Dramático Familiar ou nos cineteatros, para ficar mais tempo na rua que se tornava menos perigosa, melhor dizendo, seu perigo passava a ser controlado sob a presença da luz. (FERNANDES, 2014, p. 40-41)

A luz elétrica veio para fortalecer uma luta contra o crime e suas peripécias. O moderno seria o prenunciador do civilismo, visando estabelecer um entrave com os atos

⁷ Desde a seca de 1877 se acresceram estratégias para distribuir o montante de flagelados advindos dos estados vizinhos e migrantes do próprio estado em zonas mais afastadas e distantes do centro urbano de Mossoró, o intuito era que a cidade não perdesse a beleza que tentava ser construída, através dos abarracamentos e casas paupérrimas feitas pelos flagelados (MACIEL, 2015).

⁸ A propaganda publicada no dia 09 mar. 1917, com o título “*A luz eletrica. Exigencias d’uma filhinha*” trazia uma mensagem apelando para os leitores que pensassem na importância de ter a luz elétrica e como isso apontava para uma mudança que dantes deveria ter ocorrido na cidade (O Mossoroense, 1917, p. 2).

criminosos ordinários das noites mal iluminadas. O jornal trazia em seu corpo narrativo matérias que instigavam o desejo pela mudança e o sentimento de se avizinhar um novo tempo, repleto de conforto e comodidade.

O jornal *O Mossoroense*, por exemplo, foimudando o tom de suas notícias conforme as necessidades do dia se impunham, nesse contexto, propagandas e matérias sobre elementos da modernidade começaram a adentrar no imagético citadino, assim como as notícias sobre saques, e demais incidentes sobre as secas foram dando lugar ao banditismo que florescia a partir da década de 1920 e se formatava como a preocupação maior da imprensa local.

A partir da década de 1920, o jornal *O Mossoroense* passou a esboçar uma atenção especial ao banditismo do cangaço. Diversas notas vão se proliferando no corpo do periódico trazendo novidades quanto ao paradeiro dos grupos de malfeitores. Essa forma de noticiar mostra um desejo de criar uma geografia do cangaço, onde os jornais circunvizinhos participam também trazendo notas diversas sobre a localidade dos grupos e suas ações⁹. Além dessas informações trocadas, havia a publicação de telegramas que eram enviados dos estados expondo a localização desses sujeitos. Essa união contra o banditismo concede ao jornal o título de ser um propagador do civilismo, contra as bestialidades cometidas pelos bandos, fomentando uma visão de parceria entre os estados e os meios de comunicação da época.

No ano de 1927, o bando de Lampião, ao lado de outros dois grupos, chefiados por Sabino Gomes e Massilon Leite, fizeram uma incursão no Rio Grande do Norte visando assaltar Mossoró, esse intento foi largamente noticiado pelos jornais do estado, bem como dos estados vizinhos que na trilha do cangaço destilam suas narrativas objetivando trazer ao conhecimento geral as últimas notícias referentes a tal ação.

Nesse cenário várias notícias foram sendo veiculadas, por exemplo, o jornal *O Nordeste*, também de Mossoró, no dia 14 de maio de 1927, tornou público os acontecimentos ocorridos na cidade de Apodi, próxima de Mossoró, onde, no dia 10 de maio, se deparou com um grupo de bandidos que haviam penetrado à cidade de madrugada causando arruaças, depredações e toda sorte de más condutas que causaram transtorno aos moradores daquela localidade. Essa notícia causou abalo e medo em Mossoró, os quais ficaram atentos para uma

⁹*O Mossoroense*, 4 de dezembro de 1920; *O Mossoroense*, 13 de abril de 1922; *O Mossoroense*, 22 de setembro de 1922; *O Mossoroense*, 20 de dezembro de 1922.

possível vinda do bando para essa cidade, fato não ocorrido naquele momento, apenas dias depois.

Diante do medo causado pela notícia do ataque do bando a cidade de Apodi, a população ficou em alerta, uma nota do prefeito de Mossoró da época, Rodolfo Fernandes, foi publicada no jornal *O Nordeste*, no dia 30 de maio de 1927¹⁰:

A prefeitura de Mossoró avaliando o desassossego de muitas famílias e apreensões no espírito público, pelos boatos alarmantes sobre os bandidos que assaltaram algumas localidades do Estado, declara, para tranquilidade de todos que o Governo do Estado tem tomado as providências para defender todos os municípios dos referidos bandidos. [...] De nossa parte podemos afirmar que a nossa preocupação é de tal ordem, em garantir a segurança da cidade, que toda a nossa atividade nesses últimos dias, se tem aplicada em dispor a defesa, com a louvável e benemérita cooperação dos cidadãos mossoroenses que, para isto, não regateiam esforços. (O NORDESTE, 1927, p.1)

Como fica claro nas falas do prefeito, reportadas pelo jornal, o sentimento era de medo e receio de um possível ataque e os jornais iriam se alimentar desse alvoroço e se alicerçar em narrativas carregadas de informações que traziam as localidades que estes sujeitos estavam, as descrições de seus atos, entrevistas com as vítimas, bem como conclamavam a atenção do Estado para o perigo que se alastrava em seu território.

Como *O Nordeste*, o jornal *O Mossoroense* endossava essas narrativas que, com tom dramático, criavam tensão e medo nos populares. Nesse mesmo ano, no dia 13 de junho, aconteceu o tão temido e já aludido pelos jornais: a tentativa de assalto por parte de Lampião e seus asseclas à Mossoró.

Nessa ocasião, houve um forte tiroteio ocorrido em algumas partes da cidade e, através de uma voraz resistência, os cangaceiros desistiram da empreitada e partiram rumo ao Ceará¹¹. Com base nesse episódio, as matérias posteriores fomentaram a bravura dos mossoroenses e engrandeceram a figura do prefeito Rodolfo Fernandes, instaurando novos ideários que se expandiriam e se tornariam usuais na cidade. Essa ocorrência adentrou

¹⁰ Essa matéria tinha por título: “segurança pública – aviso da Prefeitura de Mossoró para tranquilidade das famílias e do povo em geral”.

¹¹ Há toda uma construção imagético/discursiva em Mossoró em relação a resistência ocorrida à Lampião, a qual não caberia ser feita nesse texto, pois não é o objetivo de nossa discussão fomentar atenção sob esse evento em questão. No entanto, alguns memorialistas fomentaram uma discussão singular sobre o ocorrido (FERNANDES, 2005; NONATO, 1998).

imagético cidadão que, ainda hoje, se baseia nessa epopeia para se estabelecer como uma cidade singular, com gente aguerrida e um passado vultoso¹².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa desenvolvida, notamos algumas alterações no formato do jornal *O Mossoroense*. Até os anos de 1910, havia um local reservado para noticiar sobre o policiamento local e das cidades próximas. Essa parte do jornal tinha como intuito informar as contravenções, bebedices, sujeitos pegos praticando os jogos de azar, indivíduos que proferiram calúnia e difamação, gatunagens, etc. É interessante notar que alguns crimes eram tratados de forma mais cuidadosa e tinham a atenção maior, como é o caso de um esqueleto encontrado próximo a um rio e que teve sua notícia continuada por alguns dias, chegando ao final e ficando certo que esse teria morrido de morte natural (O MOSSOROENSE, 1903, p.2).

Decerto, as mudanças que ocorreram no jornal tinham como objetivo mover a atenção do leitor para aquilo que o jornal entendia como importante para aquele momento, como ocorreu durante algumas décadas com o problema dos flagelados que, ao se estabelecerem em Mossoró, constituíram-se como um entrave para o desejo de se tornar moderno por parte da população que via nesses sujeitos o atraso e o descivilizado. Nesse interim, a imprensa local focalizou nos finais do século XIX e o primeiro decênio do século XX no problema social que a cidade enfrentava com a recorrente chegada de flagelados, os quais também seriam possíveis criminosos, que diante da situação tão desoladora só encontrariam no crime escapatória para suas mazelas.

A partir da década de 1920, os olhares foram mudados para o crescente mal dos grupos que se formaram nos sertões nordestinos. Os jornais locais, e mais particularmente *O Mossoroense*, engendraram diversas notícias, matérias e entrevistas que focalizavam as ações desses bandos, notificando os oficiais de polícia, os responsáveis pelos poderes do executivo municipal e do Estado, para agirem em prol da população e combaterem ferozmente as hordas que se avolumavam nas zonas limítrofes que divisam os estados.

¹² Em Mossoró o louvor a resistência e a outros eventos históricos na cidade são comuns, é a glorificação do passado que é bastante presente na cidade, um estudo que se debruçou sobre o processo de construção de uma memória que tinha como evento principal a relação da cidade com o cangaço foi o de Antonio Alves (2017).

Assim, nosso olhar moveu-se para os diversos momentos que a imprensa de Mossoró, focando no que o jornal *O Mossoroense* escreveu, narrou e noticiou, como: crimes, saques e desordens que ocorreram na cidade. E, nesse processo, entendemos o jornal como veículo de suma importância na construção de imaginários que instalariam medo e tensão em diversos momentos da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. Crianças negras e crianças problemas no pensamento de Nina Rodrigues e Arthur Ramos. In: RIZZINI, I. (Org.). **Crianças desvalidas, indígenas e negras no Brasil: cenas da Colônia, do Império e da República**. Rio de Janeiro: EDUSU, 2000.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4 Ed. Ver. São Paulo: Cortez, 2009.

ALVES, Antonio Robson de Oliveira. A memória em foco: O uso da memória do cangaço a serviço do turismo na cidade de Mossoró/RN. **Temporalidades – Revista de História (UFMG)**, 2017, v. 9, n.3, p. 196 – 210.

BRADO conservador (1877 – 1879).

BRETAS, Marcos Luiz. A Polícia Carioca no Império. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.12, n.22, p. 219-234, 1998.

BRETAS, Marcos Luiz. Polícia e Polícia Política no Rio de Janeiro dos anos 1920. **Arquivo História da Revista do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v.3, p. 25-34, 1997.

BRETAS, Marcos; ROSEMBERG, André. A história da polícia no Brasil: balanço e perspectivas. **TOPOI**, v. 14, p. 162-173, 2013.

CARNEIRO, Deivy Ferreira. Apontamentos para uma História Elisiana da violência no Brasil. In: Célia Nonata Silva; Francisco Linhares Fonteles Neto. (Org.). **Discere criminum: crime, violência e poder – uma abordagem nacional**. 1 ed. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017.

COMÉRCIO de Mossoró (1902 – 1907).

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador: a formação do estado e civilização**. Vol 2. São Paulo: Zahar, 1994.

ELMIR, Cláudio Pereira. **A História Devorada: no rastro dos crimes da Rua do Arvoredo**. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004.

ELMIR, Cláudio Pereira; MOREIRA, Paulo Roberto Stuadt. **Odiosos Homicídios. O processo 5616 e os crimes da Rua do Arvoredo**. São Leopoldo: Oikos/UNISINOS, 2010.

FAUSTO, Boris. **Crime e cotidiano**. A criminalidade em São Paulo (1880 – 1924). 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

FERNANDES, Raul. **A Marcha de Lampião-Assalto a Mossoró**. Mossoró (RN): Fundação Vingt-un Rosado, 2005.

FONTELES NETO, Francisco Linhares. **O Crime do Boulevard: a sensacional e misteriosa morte de Edith Davis**. Mossoró – RN: EDUERN, 2017.

FONTELES NETO, Francisco Linhares. O Impresso e uma Visão Caótica da Cidade de Fortaleza na Década de 1920 (UFPB). **Prim@ Facie**, v. 15, 2016.

- FREITAS, Décio. **O maior crime da terra**: o açougue humano da Rua do Arvoredo, Porto Alegre 1863 – 1864. Porto Alegre: Sulina, 1996.
- FREYRE, Gilberto. 1959. **Ordem e progresso**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.
- GUERRA, Felipe; GUERRA, Theóphilo. **Seccas contra a secca**. Rio de Janeiro: Cruz Coutinho, 1909.
- GUERRA, Felipe; GUERRA, Theóphilo. **Seccas contra a secca**. Rio de Janeiro: Cruz Coutinho, 1909.
- HOBBSAWM, Eric. As regras da violência. In: **Pessoas Extraordinárias**: resistência, rebelião e jazz. Eric Hobsbawm. – São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- KALIFA, Dominique. História, crime e cultura de massa. In: **Topoi**, Rio de Janeiro, vol.13, n.25, jul/dez. 2012.
- MACHADO DE ASSIS, J.M. O jornal e o livro e Quincas Borba. In: **Obra completa**. Rio de Janeiro, Aguilar, 1962.
- MACIEL, Francisco Ramon de Matos. Territórios da seca: ordenamento e resistência na cidade de Mossoró na seca de 1877. **Revista Espacialidades**. 2015, v. 8, n.1, p. 164 – 1922.
- MATTOS, Ilmar Rohloff. Do Império à República. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n.4, p. 163-171, 1989.
- MORAES, Evaristo de. **Um erro judiciário**: o Caso Pontes Visgüeiro. Rio de Janeiro: Editora Ariel, 1934.
- MUCHEMBLED, Robert. **História da violência**: do fim da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- NEVES, Frederico de Castro. Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito político. **Trajetos** (UFC), Fortaleza, v. 6, n.6, 2005.
- NONATO, Raimundo. **Lampião em Mossoró**. Mossoró (RN): Fundação Vingt-un Rosado, 1998.
- O MOSSOROENSE* (1902 – 1925).
- O NORDESTE* (1920 – 1930).
- OTTONI, Ana Vasconcelos; SANT’ANNA, Marilene Antunes. O crime no Brasil através dos “cronistas policiais” da imprensa. In: **Os crimes e a história do Brasil**: abordagens possíveis. Gian Carlo (Org.). Maceió: EDUFAL, 2015.
- PESAVENTO, Sandra Jathay. Catarina come-gente: linguíça, sedução e imaginário. In: PESAVENTO, Sandra Jathay. **Os sete pecados da capital**: São Paulo: Hucitec, 2008, p. 23-90.
- PESAVENTO, Sandra. Crime, violência e sociabilidades urbanas. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, N.4. 2005.
- RIOS, Kênia Sousa. **Engenhos da memória**: narrativas da seca no Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014b.

RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e poder:** Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932. – Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014a.

RUDÉ, George, F. E. **A Multidão na História:** estudos dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

SILVA, Giselda Brito. Sangue e violência na política brasileira: o assassinato de João Pessoa. In: **Os crimes e a história do Brasil:** abordagens possíveis. Gian Carlo (Org.). Maceió: EDUFAL, 2015, p. 115-144.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Artigo recebido em jan. 2022. Aprovado em mar. 2022.